

As Farpas tem por único partido político o bom senso. (...) Se se entende pela expressão República a justiça e o bom senso, *As Farpas* são republicanas. Seriam sebastianistas se o sebastianismo fosse bom senso e a justiça.

“[Carta ao Redactor do *Diário Popular*]”, *Diário Popular*

No estado em que está o país, os homens inteligentes que têm em si a consciência da revolução – não devem instruí-lo, nem doutriná-lo, nem discutir com ele – devem *farpeá-lo*. *As Farpas* são pois o *trait*, a pilhéria, a ironia, o epigrama, o ferro em brasa, o chicote – postos ao serviço da revolução.

Carta a João Penha - junho de 1971(?)

O País perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direcção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarneada. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Já se não crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos vão abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença de cima a baixo! Todo o viver espiritual, intelectual, parado. O tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína económica cresce, cresce, cresce... O comércio definha. A indústria enfraquece. O salário diminui. A renda diminui. O Estado é considerado na sua acção fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo. (...) Nós não quisemos ser cúmplices na indiferença universal. E aqui começamos, sem azedume e sem cólera, a apontar dia por dia o que poderíamos chamar – o progresso da decadência.

I - “O primitivo prólogo das *Farpas*. – Estudo social de Portugal em 1871”,
Uma Campanha Alegre

(...) as *Farpas* hão-de viver porque elas são o mais interessante documento deste tempo: nelas encontra-se, muito viva, a impressão das duas grandes feições dos nossos dias – a risível incapacidade da burguesia dirigente, e a grande corrente da revolução científica, que ruge por baixo.

Carta a Ramalho Ortigão - Dinan, 10 de julho de 1879

Enfim Antero volta a Lisboa, encontra o Cenáculo. (...) Nós fôramos até aí no Cenáculo uns quatro ou cinco demónios cheios de incoerência e de turbulência, (...). Mas toda a nossa alma se ia nesse alarido, e o vento vão da Boémia a levava, para onde leva as almas descuidadas e as folhas de loiro secas... Sob a influência de Antero logo dois de nós, que andávamos a compor uma *Opera-buffa*, contendo um novo sistema do Universo, abandonámos essa obra de escandaloso delírio – e começámos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes. Via-Láctea [o criado] começou a varrer. E do Cenáculo, donde, antes da vinda de Antero (...), nada poderia ter nascido além de chalaça, versos satânicos, noitadas curtidas a vinha de Torres, e farrapos de Filosofia fácil, nasceram, *mirabile dictu*, as Conferências do Casino, aurora dum mundo novo que depois, ó dor, creio que envelheceu e apodreceu...

“Um Génio que era um santo”, *Antero de Quental - In Memoriam*

O Sr. Antero de Quental abriu no dia 19 as conferências democráticas no Casino.

É a primeira vez que a revolução, sob a sua forma científica, tem em Portugal a palavra. (...)

As conferências hão-de encontrar resistências. Em primeiro lugar o nosso público inteligente e literário, ama sobretudo o *bel-esprit*, a oratória, a frase. Moda peninsular.

Ora as conferências pela sua natureza científica e experimental – exigem justamente o contrário dos aparatos retóricos. São a demonstração, não são a apóstrofe; são a ciência, não são a eloquência. (...)

Escutemos a revolução; e reservemo-nos a liberdade de a esmagar – depois de a ouvir.

III - “A abertura das conferências do Casino”, *Uma Campanha Alegre*

Que se quis fazer calar nas conferências? Foi a crítica política? Para que se deixa então circular no País os livros de Proudhon, de Girardin, de Luís Blanc, de Vacherot? Foi a crítica religiosa? Para que se consente então que atravessem a fronteira ou a alfândega os livros de Renan, de Strauss, de Salvador, de Michelet? Sejam lógicos; fechemos as conferências do Casino onde se ouvem doutrinas livres, mas expulsemos os livros onde se lêem doutrinas livres. (...)

Nós não queremos também que num país como este, ignorante, desorganizado, se lance através das ambições e das cóleras o grito de revolta! Queremos a revolução preparada na região das ideias e da ciência; espalhada pela influência pacífica de uma opinião esclarecida; realizada pelas concessões sucessivas dos poderes conservadores; – enfim uma revolução pelo Governo, tal como ela se faz lentamente e fecundamente na sociedade inglesa. É assim que queremos a revolução. Detestamos o facho tradicional, o sentimental rebate de sinos; e parecemos que um tiro é um argumento que penetra o adversário – um tanto demais!

XII - “A supressão das conferências do Casino”, *Uma Campanha Alegre*

Um dos fins da arte realista é obrigar a *ver verdadeiro*. As *Farpas* tinham esta maneira, – fazer rir do ídolo, mostrando por baixo o manequim.

“Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim [de] Araújo)”

A literatura [romântica] – poesia e romance – sem ideia, sem originalidade, convencional, hipócrita, falsíssima, não exprime nada: nem a tendência colectiva da sociedade, nem o temperamento individual do escritor. Tudo em torno dela se transformou, só ela ficou imóvel. De modo que, pasmada e alheada, nem ela compreende o seu tempo, nem ninguém a compreende a ela. É como um trovador gótico, que acordasse de um sono secular numa fábrica de cerveja.

Fala do *ideal*, do *êxtase*, da *febre*, de *Laura*, de *rosas*, de *liras*, de *Primaveras*, de *virgens pálidas* – e em torno dela o mundo industrial, fabril, positivo, prático, experimental, pergunta, meio espantado, meio indignado:

– Que quer esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem, levem-na à polícia!

I - “O primitivo prólogo das *Farpas*. – Estudo social de Portugal em 1871”,
Uma Campanha Alegre

O que queremos nós com o Realismo? Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau, por persistir em se educar *segundo o passado*; queremos fazer a fotografia, ia quase a dizer a caricatura do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc. E apontando-o ao escárnio, à gargalhada, ao desprezo do mundo moderno e democrático – preparar a sua ruína. Uma arte que tem este fim – não é uma arte à Feuillet ou à Sandeau. É um auxiliar poderoso da ciência revolucionária.

Carta a Rodrigues de Freitas - Newcastle, 30 de março de 1978

[Alencar] nessa noite teve o regozijo de encontrar aliados. Craft não admitia também o naturalismo, a realidade feia das cousas e da sociedade estatelada nua num livro. A arte era uma idealização! (...) Ega horrorizado, apertava as mãos na cabeça – quando do outro lado Carlos declarou que o mais intolerável no realismo eram os seus grandes ares científicos, (...) e a invocação de Claude Bernard, do experimentalismo, do positivismo, de Stuart Mill e de Darwin, a propósito duma lavadeira que dorme com um carpinteiro! (...)

Alencar interrompeu-os, exclamando que não eram necessárias tantas filosofias.

– Vocês estão gastando cera com ruins defuntos, filhos. O realismo critica-se deste modo: mão no nariz! Eu quando vejo um desses livros, enfrasco-me logo em água de Colónia. Não discutamos o *excremento*.

Os Maias

E então por esse longo Aterro, triste no ar escuro, (...) Alencar foi falando desses «grandes tempos» da sua mocidade e da mocidade de Pedro (...). Sintra era então um ninho de amores, e sob as suas românticas ramagens as fidalgas abandonavam-se aos braços dos poetas. Elas eram Elviras, eles eram Antonys. (...) os ministros da Coroa recitavam ao piano; o mesmo sopro lírico inchava as odes e os projectos de lei... (...)

– Era outra cousa, meu Carlos! Vivia-se! Não existiriam esses ares científicos, toda essa palhada filosófica, esses badamecos positivistas... Mas havia coração, rapaz! Tinha-se faísca! (...) E depois, menino, havia muitíssimo boas mulheres.

Os ombros descaíam-lhe na saudade desse mundo perdido. E parecia mais lúgubre, com a sua grenha de inspirado saindo-lhe de sob as abas largas do chapéu velho, a sobrecasaca coçada e mal feita colando-se-lhe lamentavelmente às ilhargas.

Os Maias

– Ouve lá [Alencar], isso que tu vais recitar, a *Democracia*, é política ou sentimento? Se é política, raspo-me. Mas se é sentimento, e a humanidade, e o santo operário, e a fraternidade, então fico, que disso gosto e até talvez me faça bem.

Os outros afirmaram que era sentimento. O poeta tirou o chapéu, passou os dedos pelos anéis fofos da grenha inspirada:

– Eu vos digo, rapazes... Uma coisa não vai sem a outra, vejam vocês Danton!... Mas já não falo enfim desses leões da Revolução. Vejam vocês o Passos Manuel! Está claro, é necessário lógica... Mas, também, caramba, sebo para uma política sem entranhas e sem um bocado de infinito!

Os Maias

Uma rajada farta e franca de *bravos* fez oscilar as chamas do gás! Era a paixão meridional do verso, da sonoridade, do Liberalismo romântico, da imagem que esfuzia no ar com um brilho crepitante de foguete, conquistando enfim tudo, pondo uma palpitação em cada peito, levando chefes de repartição a berrarem, estirados por cima das damas, no entusiasmo daquela república onde havia rouxinóis! E quando Alencar, alçando os braços ao tecto, com modulações de *preghiera* na voz roufenha, chamou para a terra essa pomba da Democracia, que erguera o voo do Calvário, e vinha com largos sulcos de luz – foi um enternecimento banhando as almas, um fundo arrepio de êxtase. (...) E mal se sabia já se Essa, que se invocava e se esperava, era a deusa da Liberdade – ou Nossa Senhora das Dores.

Os Maias

Carlos, no entanto, pensava no motivo que o trazia a Sintra. E realmente não sabia bem porque vinha: mas havia duas semanas que ele não avistava certa figura que tinha um passo de deusa pisando a terra, e que não encontrava o negro profundo de dois olhos que se tinham fixado nos seus: agora supunha que ela estava em Sintra, corria a Sintra. Não esperava nada, não desejava nada. Não sabia se a veria, talvez ela tivesse já partido. Mas vinha: e era já delicioso o pensar nela assim por aquela estrada fora, penetrar, com essa doçura no coração, sob as belas árvores de Sintra... Depois, era possível que daí a pouco, na velha Lawrence, ele a cruzasse (...) .. Ela entraria ali, com o seu belo ar claro de Diana loira; (...) aqueles olhos negros, que ele vira passar de longe como duas estrelas, pousariam mais devagar nos seus (...).

Os Maias

Foi necessária, porém, esta prolongada e miúda explicação, para mostrar que nada há de comum entre Tomás de Alencar e o sr. Bulhão Pato, além daqueles traços literários pelos quais um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico. Foi igualmente necessária para mostrar que só uma indiscreta ilusão e um zelo excessivo pela glória própria puderam levar o autor da *Paqueta* a introduzir-se, com tanto ruído e tanta publicidade, dentro do autor da *Flor de Martírio*. E visto que nada agora pode justificar a permanência do sr. Bulhão Pato no interior do sr. Tomás de Alencar, causando-lhe manifesto desconforto e empanturramento, – o meu intuito final com esta carta é apelar para a conhecida cortesia do autor da *Sátira*, e rogar-lhe o obséquio extremo de se retirar de dentro do meu personagem.

“Tomás de Alencar (Uma explicação) [Carta a Carlos Lobo d’Ávila]”, *O Tempo*

O romance [romântico], esse, é a apoteose do adúltero. Nada estuda, nada explica; não pinta caracteres, não desenha temperamentos, não analisa paixões. Não tem psicologia, nem acção. Júlia pálida, casada com António gordo, atira as algemas conjugais à cabeça do esposo, e desmaia liricamente nos braços de Artur, desgrenhado e macilento. Para maior comoção do leitor sensível e para desculpa da esposa infiel, António trabalha, o que é uma vergonha burguesa, e Artur é vadio, o que é uma glória romântica. E é sobre este drama de lupanar que as mulheres honestas estão derramando as lágrimas da sua sensibilidade desde 1850. O autor, ordinariamente, tem o hábito de Sant'Iago. O editor tem a perda. O leitor tem o tédio. – Santa distribuição do trabalho!

I - “O primitivo prólogo das *Farpas*. – Estudo social de Portugal em 1871”,
Uma Campanha Alegre

Antigamente a arte sendo toda de idealismo, ou no bem ou no mal, era necessariamente o produto do desequilíbrio do artista. (...) *Mais nous avons bravement, et rondement, changé tout cela*. Descobrimos que não se devia adorar nada em êxtase, que nunca se devia amaldiçoar nada em cólera – mas que se devia sempre *explicar* tudo, tranquilamente: – e a Arte, passando a ser um frio acto de observação, necessitou logo, como condição essencial para ser bem realizada, o calmo e pacífico equilíbrio do Artista.

Carta ao Conde de Ficalho - Londres, 20 de outubro de 1885

O naturalismo é a forma científica que toma a arte (...).

Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenómenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. (...) Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, (...) o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola – é Claude Bernard.

“Idealismo e Realismo” (A propósito da 2ª edição de *O Crime do Padre Amaro*)

... o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ela é na *sua* realidade e não como tu a poderias idear na *tua* imaginação (...)! Obra naturalista significaria então, (...) obra observada e não sonhada (...).

(...) uma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquérito a toda a Sociedade e a toda a Vida contemporânea, pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua santa missão de verdade, ocultar detalhe nenhum por mais torpe, como, na sua científica necessidade de exactidão, um livro de Fisiologia não pode omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre arte não julga dever mutilar a realidade ou falseá-la, comprometendo assim o seu grandioso fim moral, só porque poderia fazer corar as meninas.

“[Carta-prefácio a *Azulejos do Conde de Arnoso*]”

É agora o escritor naturalista que a vai pintar [Virgínia]. Este homem começa por fazer uma coisa extraordinária: vai vê-la!...

Não se riam: o simples facto de ir ver Virgínia quando se pretende descrever Virgínia, é uma revolução na arte! É toda a filosofia cartesiana: significa que só a observação dos fenómenos dá a ciência das coisas. (...)

O primeiro mentiu-te. A Virgínia que tens diante de ti é um ser vago, feito de frases, que não tem carne nem osso (...). O que ela diz, pensa ou faz, não te adianta uma linha no conhecimento da paixão e do homem.

Tens diante de ti uma moeda falsa.

O segundo dá-te uma lição de vida social: põe diante dos teus olhos, num resumo, o que são as Virgínias contemporâneas; faz-te conhecer o fundo, a natureza, o carácter da mulher com quem tens que viver. Se a Virgínia, em conclusão, não é boa – evitarás que tua filha seja assim; podes-te acautelar desde já com a nora que te espera; é-te lição no presente, e, para o futuro, ficará como um documento histórico.

É uma verificação da natureza.

“Idealismo e Realismo” (A propósito da 2ª edição de *O Crime do Padre Amaro*)

O Primo Basílio apresenta, sobretudo, um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa: a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (...) arrasada de romance, lírica, sobre excitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc. – enfim, a *burguesinha da Baixa*. Por outro lado, o amante – um maroto, sem paixão nem a justificação da sua tirania, que o que pretende é a vaidadezinha de uma aventura e o amor *grátis*. Do outro lado, a criada, em revolta secreta contra a sua condição, ávida de desforra. Por outro ainda, a sociedade que cerca estes personagens – o formalismo oficial (Acácio), a beatice parva de temperamento irritado (D. Felicidade), a literaturinha acéfala (Ernestinho), o descontentamento azedo e o tédio da profissão (Juliana), e às vezes, quando calha, um pobre rapaz (Sebastião). Um grupo social, em Lisboa, compõe-se, com pequenas modificações, destes elementos dominantes. Eu conheço vinte grupos assim formados. Uma sociedade sobre estas falsas bases não está na verdade: atacá-las é um dever. E neste ponto *O Primo Basílio* não está inteiramente fora da arte revolucionária, creio.

Carta a Teófilo Braga - Newcastle, 12 de março de 1978